

EXTRA-CLASSE

Mídia, poder e cidadania

A relação entre “Comunicação e poder” é complexa, não se resumindo a colocar de um lado uma imprensa manipuladora e de outro, os manipulados. É preciso levar em conta os espaços de disputa de poder, de conflito, e, nesse contexto, a imprensa não teria um “poder absoluto”. Esses aspectos foram analisados pela professora de jornalismo da Unisinos, Christa Berger, e de sua anfitriã, a professora de jornalismo da UFSM, Márcia Franz Amaral. A atividade, que recebeu o título de “Comunicação e poder”, foi uma organização da SEDUFSM em mais uma de suas atividades comemorativas dos 18 anos, e que ocorreu na segunda, 26 de novembro.

Para a docente da Unisinos, quando se fala no poder da comunicação deve-se pensar no lugar ocupado por ela na atualidade e, também, quais os fios que fazem parte dessa teia ligando mídia e política. Christa Berger explica que os estudiosos do tema conceituam o momento vivido pela humanidade de diversas formas, mas em todos eles, a questão da comunicação ocupa papel de relevo. Alguns falam em 'sociedade midiática', outros em 'sociedade do conhecimen-

to', outros em 'sociedade da informação', entre outras classificações. O fato principal em tudo isso é que se pode considerar que, assim como ressaltava Muniz Sodré, professor da UFRJ, a comunicação seria o novo “bios” da sociedade, fazendo parte da sua genética. “A mídia institui e estrutura o nosso modo de pensar, dando sentido às relações sociais”,

destacou a professora.

A consequência de todo esse processo, que está incluído na chamada era da globalização, é que as pessoas viveriam o que alguns pensadores chamam de a “síndrome do consumismo”, que, se não originada, certamente é acelerada pelas novas tecnologias. “O cidadão bem-sucedido nos dias de hoje é aquele que consegue

consumir”, sentencia Christa Berger. Na análise feita por ela, a conjuntura está marcada pelo “descarte”, ou seja, as pessoas almejam algo de forma muito intensa, mas quando conseguem, imediatamente passam a desejar outra coisa e a descartar o que recém obtiveram. A sensação, até certo ponto neurotizante, é de “estar em falta com algo”.

POLÍTICA- No que se refere às relações entre mídia e poder propriamente ditas, partindo para o campo da política, a professora, que também atuou durante vários anos como repórter em veículos como *Zero Hora* e *Folha da Tarde* (Caldas Júnior), afirma que a imprensa brasileira “tem um vício de origem”. O nó principal que explicaria uma espécie de comprometimento da mídia com o poder dominante é

que, assim como existe no país a concentração econômica, isso também se reflete na concentração dos meios de comunicação na mão de poucas famílias, o que, inclui, até mesmo políticos, que através de relações de parentesco são donos de grupos de comunicação. Christa vai mais longe e diz que no país não temos uma noção de que a comunicação é um “bem público”.



Fotos: RENATO SEERIG

Debatedoras argumentaram que mídia tem poder, mas não é "absoluto"

Mitos do jornalismo



Christa Berger: comunicação é o novo "bios" da sociedade

Mesmo concordando com a parte principal da abordagem de Christa Berger, a debatedora da mesa, professora Márcia Franz Amaral, procurou lançar um outro olhar sobre a mídia. Para ele, usando a definição do filósofo Pierre Bordieu, “o poder é simbólico”, o que não o tornaria um poder “unitário”. Para a docente e pesquisadora da UFSM, existiriam alguns

“mitos do jornalismo” que o transformariam

em “quarto poder” ou “poder absoluto”, tese que, segundo ela, está superada. Márcia argumenta que um aspecto a ser levado em conta é que existe na sociedade e dentro dos próprios meios de comunicação uma “disputa de poder”. O dono do jornal ou da TV tem um interesse, o editor pode ter outro, e certamente o repórter não tem o mesmo interesse dos outros. E é nesse conjunto de contradições que deve apostar o profissional, segundo ela, para buscar seu espaço e passar a verdade na qual acredita. “Se eu admitisse que tudo é manipulado e que todos somos manipulados, eu teria que desistir de ser jornalista”, enfatizou a professora, que atuou profissionalmente no jornalismo diário em Santa Maria e também em assessorias de imprensa.

Márcia Amaral cita como exemplo episódios como a destituição do presidente Hugo Chávez na Venezuela e, também, a reeleição do presidente Lula, no Brasil. “Se fosse pela vontade da mídia, Chávez não estaria mais no poder e nem o presidente Lula”, o que, demonstra, segundo ela, que a imprensa

não tem o poder absoluto e, que, em muitos momentos, a maioria da sociedade sabe perceber esses detalhes e não compra aquilo que a imprensa procura vender. “Para mim, o jornalismo não é um campo fechado, ao contrário, é um campo poroso, um espaço de conflitos no qual precisamos saber qual o nosso papel”.

TRANSPARÊNCIA- Márcia Amaral

aproveitou a discussão sobre “comunicação e

poder” para manifestar sua indignação pelo fato de o tema escândalo da FATEC ter sido “silenciado” pela Administração Central. Em virtude de ser docente da disciplina de “assessoria de imprensa”, ela esperava que houvesse um posicionamento transparente e esclarecedor por parte dos veículos de comunicação disponíveis à reitoria da instituição (TV, rádio e página eletrônica). Entretanto, diz ela, só conseguiu obter informações naquele dia sobre o episódio através do blog do professor do curso de Filosofia, Ronai Pires da Rocha e, no sítio do jornalista Claudemir Pereira, que havia buscado elementos noticiosos em Zero Hora.com. A docente também elogiou o que considerou a postura “firme” da SEDUFSM durante o desenrolar do escândalo. O evento promovido dentro da programação de 18 anos da SEDUFSM ocorreu no auditório do sindicato e teve como coordenadora da mesa a jornalista, que é assessora de imprensa da ASSUFSM, Maria Luiza Dorneles.



Márcia Amaral: jornalismo é um campo "poroso"